

O *Modus Operandi* do Capital Imperialista e sua Influência nos Golpes de Estado na América Latina no Cenário da Guerra Fria: uma análise a partir da trajetória política de alguns protagonistas desse processo

Luiz André Maia Guimarães Gesteira¹

Resumo: Os eventos históricos são corolários de todo um contexto que os envolve e condiciona seu desenvolvimento, por isso, não podem ser vistos de forma compartimentalizada, não há como dividi-los cronológica ou espacialmente sem um entendimento de seu contexto. Na história da América Latina durante o período da Guerra Fria, houve a eclosão de uma série de golpes de Estado em diferentes países, executados pelas forças armadas e pelas elites locais, mas, frequentemente patrocinados pelas grandes multinacionais, muitas das vezes com o apoio do governo estadunidense, que via no surgimento de governos socialistas ou populistas no continente, uma ameaça à reprodução capitalista e a possibilidade da expansão do comunismo. Nesse sentido, buscamos estudar a trajetória política de diferentes Chefes de Estado que protagonizaram alguns dos golpes mais emblemáticos desse período, para, a partir daí compreender a extensão e diversidade desse processo, e sua correlação com a geopolítica global.

Palavras-chave: América Latina, Guerra Fria, Golpes Militares.

The *Modus Operandi* of Imperialist Capital and their Influence in the Coups of State in Latin America in the Cold War Scenario: an analysis from the political trajectory of certain actors of this process

Abstract: The historical events are corollaries of an entire context that involves and affects their development therefore can't be seen from compartmentalized way, there is no divide them chronologically or spatially without an understanding of its context. In the history of Latin America during the Cold War, there was the outbreak of a series of coups in different countries, run by the military and by local elites, but often sponsored by big multinationals, often with the support of US government, which saw the emergence of socialist or populist governments in the continent, a threat to capitalist reproduction and the possibility of the spread of communism. In that sense, we seek to study the heads of State who staged some of the most iconic coups that period, for from there understand the extent and diversity of this process, and its correlation with global geopolitics.

Keywords: Latin American, Cold War, Military Coups.

Artigo recebido em 20/04/2015 e aceito em 16/06/2015.

1. INTRODUÇÃO

O Período após a Segunda Guerra Mundial marcou intensas transformações em toda a Geopolítica mundial, novas nações foram criadas, outras foram divididas, fronteiras foram modificadas e diversos acordos comerciais e militares estabelecidos. Foi um período também marcado por uma série de guerras civis e golpes de estado, em especial em países periféricos, onde diversas figuras políticas emergiam das forças armadas, da burguesia e do proletariado, e como forças antagônicas combatiam umas as outras, criando em alguns casos uma atmosfera político-social volátil e em outros governos ditatoriais quase que infundáveis, mais duradouros que muitas monarquias.

Neste panorama inextricável, que se estendia por grande parte das nações subdesenvolvidas e conseqüentemente pela América Latina, uma tendência passou a desenvolver-se em algumas dos países da região, com a ascensão de governos de aspiração socialista ou populista, que com suas políticas de caráter nacionalista, punham em risco a exploração do capital internacional em seus países, o *status quo* das elites locais e a influência estadunidense em sua soberania. Esse cenário então, fomenta um processo que se reproduz em praticamente todas as nações onde governantes com essa tendência ascendem ao poder, que presenciam a coalizem de suas elites, com o alto oficialato reacionário de suas forças armadas, apoiados e muitas vezes patrocinados pelo capital internacional, com o objetivo de engendrar golpes de Estado que depusessem os governos não alinhados à política externa capitalista.

Alguns personagens históricos ganharam protagonismo em seus países e/ou em todo o continente nesse cenário, interferindo de forma decisiva no futuro de suas nações, seja pelas políticas públicas de seus governos, por golpes de estado que orquestraram ou do qual foram vítimas, por revoluções que comandaram ou até mesmo pelo grande período em que detiveram o poder político em suas mãos. Diversas motivações fizeram desses indivíduos heróis ou figuras odiadas pela quase totalidade de seus compatriotas, e a forma e intensidade dos fatores que permearam suas trajetórias têm, seguramente, estreita relação com a geopolítica global do momento histórico estudado.

Nesse artigo, pretendemos então analisar, a partir do estudo da trajetória de alguns personagens escolhidos criteriosamente, como em um período que perdura do início da década de 1950 à primeira metade da década de 1980, de acordo com os estratégias das elites locais e das grandes organizações capitalistas, que detinham altos investimentos nessas nações, algumas dessas figuras históricas emergiram ou decaíram do poder, buscando compreender suas motivações, e em alguns casos as vicissitudes enfrentadas por eles, em um panorama marcado, sobretudo, pela ingerência externa na soberania nacional, e pelo desrespeito à democracia e aos direitos humanos.

Nesse sentido, dividimos o artigo em três momentos, nos quais dois desses personagens serão estudados em cada um dos tópicos, sendo feita uma correlação entre eles, de acordo com algumas peculiaridades que os marcaram historicamente. Tentando averiguar, como, em momentos diferentes e em recortes espaciais também distintos, a história nos apresenta cenários repletos de similitudes, justamente, por serem também frutos de toda estrutura que se estabelece na dinâmica global, a qual incide decisivamente sobre os cenários regional e local.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Entendendo que os fatos não podem ser analisados fora de um contexto político e social que influencia diretamente a origem e os desdobramentos dos fenômenos estudados, e que somente com a análise da construção histórica de todo o cenário estudado poderemos alcançar respostas e opiniões idôneas, possibilitando assim uma argumentação verdadeiramente consistente, escolhemos o método dialético para balizar essa pesquisa.

Esta opção permite apreender as contradições existentes no desenvolvimento e nas transformações históricas, geopolíticas e socioespaciais dos fenômenos estudados. A análise dialética explica o real através de mediações, o conhecimento, portanto, não se efetiva de forma compartimentalizada, mas sim através do entendimento de vínculos que se perpetuam historicamente, contextualizados e em geral cumprindo funções de uma lógica global.

A fim de atingir os objetivos propostos, algumas etapas de trabalho foram executadas, privilegiando leituras sustentadas em pesquisas bibliográficas e documentais, sendo estas balizadas nas categorias geográficas espaço e território, visto que estes estão intimamente ligados ao direcionamento deste artigo. A pesquisa histórica documental foi também condição *sine qua non* ao seu desenvolvimento, subsidiando através de suas informações essenciais, a análise crítica reflexiva que possibilitou a concretização dos objetivos propostos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os personagens históricos em geral são marcados por uma gama de peculiaridades, que acaba tornando-os únicos, mas, concomitantemente semelhantes a outros tantos em alguns aspectos. O quanto algumas das similitudes observadas em alguns deles podem estar ligadas a um mesmo contexto, mesmo que em recortes territoriais e temporais distintos, certamente não é tão simples mensurar. Entretanto, nos propomos a analisar, no recorte territorial da América do Sul e em um recorte temporal que foca desde a década de 1950 aos anos 1980, no âmago dos antagonismos políticos e ideológicos de um período marcado pelas disputas entre capitalistas e socialistas pelo poder em diversos países, e, mais especificamente a partir da interferência da classe dominante – nacional e internacionalmente representada - na soberania dessas nações, personagens que em alguns momentos apresentaram semelhanças fundamentais em suas trajetórias e em seus posicionamentos políticos, e que tenham tido tal analogia em suas trajetórias, que, de fato, despertaram o interesse desta pesquisa.

“REI MORTO, REI POSTO”, QUANDO NÃO MORTO, PORÉM DEPOSTO: José Velasco Ibarra e Juan Domingo Perón

Não raros foram os historiadores, economistas e outros estudiosos que esmiuçaram a biografia e a trajetória política de Juan Domingo Perón. Quando partimos de uma perspectiva de análise de pesquisadores sul-americanos e em especial brasileiros, notamos por seguidas vezes, como no trabalho de Fonseca e Haines^{II}, 2012, um frequente comparativo entre o Ex-Presidente argentino e Getúlio Vargas, seja por características intrínsecas aos seus governos e medidas tomadas por ambos durante seus

O *MODUS OPERANDI* DO CAPITAL IMPERIALISTA E SUA INFLUÊNCIA NOS GOLPES DE ESTADO NA AMÉRICA LATINA NO CENÁRIO DA GUERRA FRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALGUNS PROTAGONISTAS DESSE PROCESSO

LUIZ ANDRÉ MAIA GUIMARÃES GESTEIRA

mandatos, a, até mesmo, partindo de uma visão mais personalista, a uma análise das similitudes entre seus perfis e biografias. Nesse estudo, no entanto, buscamos especificamente analisar características de personalidades históricas de nosso continente, que destacaram-se durante o período da Guerra Fria, para a partir daí estudá-las sob esta perspectiva. Justamente por isso, nos arriscamos a uma comparação incomum, buscando realizar um paralelo entre Perón e outra figura de grande importância no cenário político de nosso continente, José Velasco Ibarra. A partir, como já citado, da característica histórica intrínseca ao período, a saber, a grande quantidade de golpes de Estado, dos quais ambos foram vítimas por diversas vezes, sobretudo, na tentativa das elites econômicas de impedir políticas nacionalistas e voltadas às classes oprimidas, como as estatizações realizadas por Perón, e a proposta de reforma agrária sugerida por Ibarra.

Ao analisar então a trajetória política do equatoriano, percebemos, que por mais que golpes militares eclodissem de forma até mesmo sucessiva em algumas nações da América do Sul durante todo o intercurso do século XX, não há nos registros históricos em nenhum desses países, de um governante que tenha sido destituído do poder em tantas ocasiões quanto José Velasco Ibarra. O equatoriano é indubitavelmente uma das figuras mais marcantes da história e da política de seu país e da América do Sul como um todo, assim como um claro exemplo da instabilidade política da região ao longo do século passado, sobretudo, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, quando a intransigência das elites locais, encontrou apoio na ingerência estadunidense na região, no intuito de garantir a reprodução do capital internacional e destruir qualquer possibilidade de ascensão de governos nacionalistas.

Ibarra foi protagonista no cenário político do Equador ao longo de quatro décadas, sendo durante esse período eleito cinco vezes para a presidência do país, mandatos dos quais cumpriu integralmente apenas um, tendo sido nos demais destituído por golpes militares ou pela interferência do próprio Legislativo equatoriano. Podemos entender um pouco mais desse personagem e dos altos e baixos de sua trajetória política a partir do texto a seguir.

Uno de los personajes políticos más polémicos de la historia política ecuatoriana del siglo XX fue, sin duda, el doctor José María Velasco Ibarra. Su delirante y apasionada personalidad, su ambigua y contradictoria actuación política, su larga a la vez que precaria permanencia en el más alto escenario público –cinco veces Presidente de la República–, fueron posibles gracias al obstinado respaldo popular. La “historia de su vida” demanda el conocimiento así como la reconstrucción de los diversos contextos históricos, sociales y políticos en los que sus “presencias” y ausencias explican, en buena medida, la situación política y económica del Ecuador^{III}

A história de Velasco Ibarra nos mostra um político populista e de posicionamentos em alguns momentos aparentemente contraditórios, que inicia sua carreira ligado às oligarquias equatorianas, mas, que ainda em seu primeiro mandato em 1934, se desvencilha destas e confrontando-as, compromete-se durante este período até mesmo com uma política de reforma agrária no país, motivo pelo qual é deposto do cargo pelos militares em 1935, um ano após romper com as elites equatorianas. Esse cenário ainda não se insere na perspectiva dos golpes militares que se dão no período da Guerra Fria, mas, já denota a ação e o poder político das oligarquias nacionais, que participariam de forma ativa de boa parte dos golpes que se sucedem no continente.

O *MODUS OPERANDI* DO CAPITAL IMPERIALISTA E SUA INFLUÊNCIA NOS GOLPES DE ESTADO NA AMÉRICA LATINA NO CENÁRIO DA GUERRA FRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALGUNS PROTAGONISTAS DESSE PROCESSO

LUIZ ANDRÉ MAIA GUIMARÃES GESTEIRA

Após isso, a trajetória política do equatoriano só teria prosseguimento quase dez anos depois de sua destituição, quando, após longo período de exílio na Colômbia, é novamente eleito em 1944, pouco antes do início da Guerra Fria, para o cargo máximo de sua nação. Ibarra desta vez liderava uma frente política composta em especial por socialistas, tinha durante a década de exílio sofrido considerável influência da linha de pensamento desse bloco político, que se fortalecia em vários países do mundo, opondo-se ao capital e às elites econômicas. Nesse contexto, buscava implantar um governo com essas aspirações em seu país, mas a forte oposição dos militares e das elites locais, o levaram a sofrer um segundo golpe de Estado, seguido de exílio em 1947, exílio esse que cumpriu justamente na Argentina de Perón.

Um ano antes, na Argentina, o militar e Ex-Ministro do Trabalho e da Guerra, Juan Domingo Perón, era eleito presidente, após ter sido deposto de seus cargos de Ministro por um golpe em 1945. Durante o período em que assumiu os ministérios, havia conquistado ampla simpatia da classe trabalhadora de seu país, a partir de suas medidas populistas. Ele assume o governo com uma política de nacionalização de serviços estratégicos, como os Bancos, a rede ferroviária e o sistema de eletricidade, visando garantir a soberania nacional frente às multinacionais, em especial estadunidenses e europeias, que até ali controlavam parte considerável desses setores fundamentais para a política que o Presidente projetava implantar. Essa política, já a partir daí, possuía diversos pontos que desagradam o capital internacional, todavia, o cenário econômico favorável e a popularidade de Perón com a classe operária mitigavam nesse momento qualquer tipo de campanha de desestabilização ao seu governo.

Seu primeiro mandato vai até 1952, tornando-se um período de considerável crescimento econômico e distribuição de renda no país, época na qual a dívida externa argentina é saldada e uma série de direitos trabalhistas é reconhecido. Entretanto, as características do governo peronista vão muito além disso. Em toda a sua complexidade, Perón, era um populista por excelência, que mescla algo próximo a uma democracia para os “descamisados” a posturas autoritárias no bojo desse mesmo populismo. O Presidente coopta para si ao longo de seu governo parte considerável do proletariado argentino em especial através dos sindicatos.

Nesse mesmo ano de 1952, Ibarra volta de seu segundo exílio e é eleito presidente do Equador pela terceira vez, quando finalmente consegue cumprir integralmente um mandato, o qual termina em 1956 e que tem como característica o sucesso econômico, causado em especial pela produção e comercialização da banana.

Ainda em 1952, Perón inicia seu segundo mandato, que ao contrário do anterior é marcado por uma série de turbulências e conflitos. Já no primeiro ano de seu novo governo, o Presidente sofre um duríssimo golpe, com a morte de sua esposa, Evita Perón, vítima de câncer. Os anos que se seguem são conturbados, marcados por dificuldades econômicas, crises entre a presidência e a classe trabalhadora – aliada histórica de Perón – e queda da popularidade do presidente. Cenário que propiciou aos militares com o apoio, sobretudo, das classes econômicas mais abastadas, a oportunidade de articular um golpe de estado que o destituiria do poder em setembro de 1955, obrigando-o a exilar-se inicialmente no Paraguai e mais tarde na Espanha. Esse cenário, no entanto, é bem mais complexo, já que o agravamento dessa crise econômica se dá, sobretudo, a partir da ação do capital internacional, em especial o de origem estadunidense, como explica o fragmento a seguir:

O *MODUS OPERANDI* DO CAPITAL IMPERIALISTA E SUA INFLUÊNCIA NOS GOLPES DE ESTADO NA AMÉRICA LATINA NO CENÁRIO DA GUERRA FRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALGUNS PROTAGONISTAS DESSE PROCESSO

LUIZ ANDRÉ MAIA GUIMARÃES GESTEIRA

en el plano internacional se estaba expandiendo el desarrollo de las grandes compañías multinacionales, especialmente, las de origen estadounidense. Ello afectaba las posibilidades de crecimiento de las economías en desarrollo, las que quedaban ligadas a su receptividad a las inversiones de dichas empresas y tornaban un tanto contraproducentes las medidas de corte nacionalista.^{IV}

Ainda que fora do cenário nacional, Perón prosseguia com enorme influência política na Argentina, tanto, que em 1958 colabora decisivamente com a eleição de Arturo Frondizi para presidência, o que só ocorre graças aos votos dos peronistas. Frondizi, entretanto, após um governo conturbado tanto em sua relação com seus opositores tradicionais quanto com os próprios peronistas, aos quais não agradou completamente, é deposto do cargo em 1962, durante outro golpe militar. Este golpe não foi exatamente contra Juan Perón, mas, afetou sobremaneira as perspectivas do peronismo e dos peronistas de voltarem a participar diretamente do cenário político nacional, e, entre outras coisas, manteve o exílio do Ex-Presidente, que sofria com isso, mesmo que indiretamente, mais um golpe de Estado.

Percebe-se, no entanto, que mesmo frente às diversas ações dos golpistas, a relação de Perón com seus seguidores e com a vida pública na Argentina não diminuía em intensidade. Apesar do exílio, em cartas a seus seguidores, ele prosseguia direcionando o grupo peronista, como nos mostra o fragmento a seguir:

La disolución del Partido Peronista por decreto de la dictadura no debe dar lugar a la dispersión de nuestras fuerzas (...) Cada casa de un peronista será en adelante una unidad básica del partido. La Confederación General del Trabajo y sus sindicatos, atropellados por la dictadura, deben proceder en forma similar. Yo sigo siendo el jefe de las fuerzas peronistas y nadie puede invocar mi representación. Si hay elecciones sin el peronismo, todo buen peronista debe abstenerse de votar. Ésta es mi orden desde el exilio.^V

Voltando à análise do cenário no Equador, em 1960 Velasco Ibarra era eleito Presidente para seu quarto mandato, mantendo um posicionamento político alinhado ao socialismo, em especial às inspirações da Revolução Cubana, ocorrida um ano antes. O cenário, no entanto, era agora o mais adverso possível à implantação de um governo socialista no continente, e por mais que o caso de Cuba pudesse representar o contrário, o fato é que os Estados Unidos iriam usar todas as armas de que dispunham, para impedir a ascensão de novos governos desse tipo no continente americano, sua área de influência. Tudo isso colaborou sobremaneira com que seu quarto mandato durasse apenas alguns meses, antes de ser deposto pelo parlamento e pelas aspirações da elite e da alta oficialidade das Forças Armadas Equatorianas.

Afastado do poder desta vez por cerca de oito anos, em 1968 Ibarra foi eleito presidente pela quinta vez, com uma perspectiva de governo que visava entre outras coisas subjugar as oligarquias locais e implantar um governo, mais uma vez inspirado nos moldes da Revolução Cubana. Sua proximidade com Fidel Castro e suas aspirações socialistas em um período histórico tão conturbado em todo o cenário continental, sugeriam desde o início desse seu quinto mandato a grande possibilidade de Ibarra sofrer um quarto golpe de Estado. Observamos um pouco de sua proximidade com Cuba e com Fidel no seguinte fragmento:

Cuando me propuse estudiar el entorno de la visita de Fidel al Ecuador en 1971, no dejé de sorprenderme frente al hecho de que Velasco Ibarra

O *MODUS OPERANDI* DO CAPITAL IMPERIALISTA E SUA INFLUÊNCIA NOS GOLPES DE ESTADO NA AMÉRICA LATINA NO CENÁRIO DA GUERRA FRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALGUNS PROTAGONISTAS DESSE PROCESSO

LUIZ ANDRÉ MAIA GUIMARÃES GESTEIRA

estuviera dispuesto a no dejarse vencer por las presiones para evitar dicha visita, así como no dejó de llamarme la atención el contenido del discurso que el mismo madatario ecuatoriano pronunciara en la recepción a Fidel Castro, alocución en la cual se evidencian rasgos de dignidad y destellos soberania e independencia en la exposición de las ideas, asuntos que hoy son imposibles de descubrirse en los gobernantes de turno, loscuales, por el contrario, hacen gala de todo tipo de sujeción a la voluntad omnímoda de quienes, en la realidad, gobiernan nuestra Patria.^{VI}

Nesse contexto, alguns meses antes do final de seu quinto mandato, Ibarra teve seus planos de governo frustrados. O país mergulhado em uma crise administrativa, social e econômica foi o cenário perfeito para o derradeiro golpe de Estado sofrido por ele, em 15 de fevereiro de 1972. Encerrava-se assim a série de governos iniciada e não concluída por este personagem histórico. Ibarra ainda foi convidado por seus partidários e teria o apoio de parte considerável da população de seu país para um possível sexto mandato, mas preferiu afastar-se das disputas políticas após os quatro golpes de Estado que sofrera, fato singular na História, e que suscitou entre outras coisas a Obra de Robert Norris, “El gran ausente”^{VII}, uma biografia de José Velasco Ibarra, que destaca sua trajetória política e, sobretudo, os golpes de Estado dos quais foi vítima.

Mesmo sendo o autor de medidas contraditórias, e tendo ele mesmo instaurado uma ditadura civil em seu país nos últimos anos de seu quinto mandato, Ibarra destacou-se, sobretudo, pela defesa do campesinato, pela luta visando a soberania do petróleo e das águas territoriais equatorianas frente ao poderio estadunidense e pelo fortalecimento da aliança com países socialistas, justamente por isso, o último golpe que sofrera teve, sabidamente, interferência fundamental da CIA em sua perpetração, como mostra o livro de seu ex-agente, Philip Agee, “Inside the Company: CIA Diary”^{VIII}.

Na Argentina, após a destituição de Frondizi em 1962, o país passou por sucessivos golpes de Estado, marcados por conduzirem ao poder governos que fracassaram clamorosamente em suas políticas públicas. Amplamente impopulares e pressionados pela população, os militares são obrigados a convocar novas eleições em 1973, desta vez com a participação ativa dos peronistas, mas com o próprio Juan Domingo Perón ainda excluído do pleito. A volta de Perón ao cenário político era, de fato, amplamente evitada, sobretudo pelas grandes multinacionais representadas pelo governo estadunidense, o qual apoiava as ditaduras fascistas e anticomunistas que frequentemente arquitetavam golpes de Estado no continente.

Nas eleições de 1973, no entanto, o candidato peronista, Héctor Cámpora, como já era de se esperar, vence o pleito, mas, em uma manobra política estratégica, renuncia e convoca novas eleições, desta vez com a participação do próprio Perón, que vence com 62% dos votos. O “novo Presidente”, no entanto, morre pouco tempo após eleito. Com isso, sua vice-presidente e atual esposa, Maria Estela Martínez de Perón, assume então o governo. Isabelita Perón, como era conhecida, governaria o país por menos de dois anos, sendo também deposta por um golpe militar em 1976. Golpe esse que já se insere no contexto da Operação Condor, arquitetada pelas ditaduras do cone sul e pelos Estados Unidos, na tentativa de combater governos e grupos políticos de esquerda, e que no caso da Argentina, levaria o país ao período mais conturbado e sangrento de sua história moderna, com uma ditadura que duraria em torno de sete anos e que viria a se caracterizar como uma das mais brutais da história do continente, com um saldo de aproximadamente trinta mil mortos e desaparecidos políticos^{IX}.

Ibarra e Perón foram figuras ímpares não só na história de seus países, como na de toda a América Latina. Tiveram durante boa parte do tempo em que governaram, o amplo apoio das massas, e em uma relação diametralmente oposta, o ódio das oligarquias de seus países, do capital internacional e por conseguinte a oposição de diferentes governantes estadunidenses. Na medida em que se notabilizavam por medidas populares ou populistas, angariavam a hostilidade também das forças armadas, na verdade de seu alto oficialato. Justamente por isso, Ibarra – figura quase que *sui generis* na política do continente – foi deposto por quatro vezes da presidência do Equador e em todas elas teve de exilar-se antes de retornar ao cenário político de seu país. Exilou-se em vários momentos, na própria Argentina, onde ficou até próximo de sua morte em 1979. Já Perón, foi impedido por quase duas décadas de participar diretamente da vida pública de seu país, um longo exílio que só aumentou sua popularidade entre os argentinos, o que, no entanto, era vigorosamente combatido pelas elites locais e pelo capital internacional, que, por muito tempo alcançaram seu intento, subsidiando sucessivos governos ditatoriais a assumirem o poder, durante as décadas de Guerra Fria.

Estudar esses personagens nos faz observar uma série de similitudes em suas trajetórias políticas e nas vicissitudes que lhes foram impostas ao longo delas. Entretanto, compreendemos que o que promove fundamentalmente o decurso dessas trajetórias marcadas por sucessivos golpes de Estado e anos de exílio, e os aproxima também dos demais personagens que iremos estudar ao longo desse artigo, é, o contexto que envolve esses golpes, suas motivações e quem os fomenta, e para tudo isso, encontramos respostas no cenário político da Guerra Fria, e nos esforços da máquina capitalista em não perder os territórios sobre seu controle, e do governo estadunidense em não ceder espaço à expansão socialista em sua área de influência.

AS DITADURAS DE UM SÓ HOMEM: Alfredo Stroessner e Augusto Pinochet

Em sua maioria, os países latino americanos que vivenciaram golpes militares ao longo de suas histórias, experienciaram durante “suas” ditaduras, uma sequência de diferentes governos autoritários, fossem estes nos moldes do que ocorreu no Brasil, Bolívia, Peru e Uruguai, onde diferentes ditadores sucederam-se ininterruptamente no poder, ou análogos ao que ocorreu na Argentina e no Equador, onde períodos de ditadura e democracia se intercalaram durante décadas.

No entanto, duas nações sul americanas diferem dessa tendência de variadas mudanças no poder durante os governos autoritários. No Paraguai, o General Alfredo Stroessner e no Chile, o General Augusto Pinochet, protagonizam ditaduras de um só governante, a primeira com trinta e cinco anos de duração, de 1954 a 1989, a outra, com um intervalo de tempo de dezessete anos, de 1973 a 1990. Ambas, assim como tantos outros regimes autoritários no continente, se encerraram justamente com o fim da Guerra Fria.

O golpe que levou Stroessner ao poder, consolidou o primeiro governo ditatorial permanente da América do Sul no cenário da Guerra Fria, e também o mais duradouro. O Ditador governou o Paraguai sozinho, por um período de tempo superior a somatória dos cinco ditadores militares que assumiram a presidência do Brasil, e por um lapso temporal quase três vezes maior do que toda a ditadura civil-militar uruguaia.

Stroessner e Pinochet, também assemelham-se entre si, e à parte considerável dos ditadores militares conservadores do continente americano, pelo apoio político e até

O *MODUS OPERANDI* DO CAPITAL IMPERIALISTA E SUA INFLUÊNCIA NOS GOLPES DE ESTADO NA AMÉRICA LATINA NO CENÁRIO DA GUERRA FRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALGUNS PROTAGONISTAS DESSE PROCESSO

LUIZ ANDRÉ MAIA GUIMARÃES GESTEIRA

mesmo pelos subsídios fornecidos pelo governo estadunidense para a tomada e a manutenção do poder em suas mãos durante as décadas em que perduraram seus governos. Assim como, em virtude disso, mantiveram uma política anticomunista e subserviente ao capital internacional.

Nesse período - décadas de 1950 a 1970 - os EUA, com o objetivo de impedir a ascensão de qualquer governo de aspirações socialistas em sua área de influência, patrocinava as ditaduras de direita, até mesmo com o apoio tático e militar contra seus opositores. A respeito disso, a relação do governo Eisenhower, mandatário americano à época e do governo brasileiro - que o texto não deixa claro, mas naquele momento estava no segundo governo Vargas, ou no mandato de Café Filho - com Stroessner, logo após o golpe militar paraguaio, fica evidente ao analisarmos o fragmento a seguir:

Em Lima, Peru, pouco antes de assumir, e em Marechal Estigarribia, no Chaco paraguaio, pouco depois de assumir a Presidência, Stroessner se reuniu em segredo com membros do Comando Sul dos Estados Unidos. Ali assinou um pacto com altos oficiais americanos e brasileiros, dentro do plano hemisférico de aliados anticomunistas no marco da guerra fria e da Doutrina da Segurança Nacional, que seria implantada na década de 1960, por meio da ditadura do Brasil.^X

Já o apoio da Casa Branca ao golpe no Chile e conseqüentemente a Pinochet, é algo historicamente ainda mais claro, antes mesmo de assumir o poder, Salvador Allende já era tratado como uma ameaça ao imperialismo estadunidense e conseqüentemente ao lucro das multinacionais em território chileno. Logo após as eleições de 1970, *“Altos funcionários norte-americanos discutiram o desejo de impedir a posse do então recém-eleito presidente chileno, o esquerdista Salvador Allende.”*^{XI}

Para a Casa Branca, envolvida em plena Guerra do Vietnã - da qual sairia fracassada - ter de presenciar outra nação socialista, além de Cuba, surgir em sua área de influência seria um duro golpe. Fato admitido alguns anos depois pelo próprio Richard Nixon, mandatário americano a época, que escreveu em suas memórias, que Allende no Chile e Fidel Castro em Cuba, transformaram a América Latina em “parede vermelha”,^{XII} “justificando” com isso o empenho de Washington em intervir na região durante a Guerra Fria.

Fica patente então, que entre os motivos que permitiram tal longevidade às ditaduras de Stroessner e Pinochet, estavam, justamente, o alinhamento que estes mantinham com as políticas econômicas, sociais e ideológicas, ditadas pelo bloco capitalista. Agradavam também às elites de seus países, conseguiam manter um papel hegemônico entre seus pares, a alta oficialidade das forças armadas e tratavam seus opositores com mão de ferro, em suma, cumpriam uma cartilha bem definida que lhes permitia se perpetuarem no poder.

Partindo agora para algumas especificidades das duas ditaduras, observamos que durante as mais de três décadas em que governou o Paraguai, Stroessner logo conseguiu solidificar sua hegemonia política, instalando uma espécie de pseudodemocracia, na qual foi reeleito por sete mandatos consecutivos em pleitos marcados pelos mais variados tipos de fraudes, um pouco desse cenário é descrito no fragmento a seguir.

Utilizando uma fachada eleitoral de cartas marcadas e diante de uma oposição brutalmente impedida de manifestar-se Stroessner acumulou reeleições ilegais. A longevidade do seu regime repressivo fez com que várias gerações de paraguaios sofressem a violência estatal. Organizações

O *MODUS OPERANDI* DO CAPITAL IMPERIALISTA E SUA INFLUÊNCIA NOS GOLPES DE ESTADO NA AMÉRICA LATINA NO CENÁRIO DA GUERRA FRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALGUNS PROTAGONISTAS DESSE PROCESSO

LUIZ ANDRÉ MAIA GUIMARÃES GESTEIRA

camponesas, intelectuais, partidos políticos de oposição e até esporádicos focos guerrilheiros foram esmagados inapelavelmente. O abandono das garantias individuais foi acompanhado da militarização das estruturas policiais e de controle da sociedade.^{XIII}

Contudo, por mais que a ditadura paraguaia possua claros traços de violência e graves arbitrariedades contra seus opositores, inclusive participando ativamente da Operação Condor, da qual os “Arquivos do Terror”, - um conjunto de 60 mil documentos, somando 593 mil páginas microfilmadas, que traz em números e relatos o terror das ditaduras na América do Sul - foram descobertos justamente em solo paraguaio, na cidade de Lambaré, em 1992, pelo ex-presos político paraguaio Martín Almada. Mesmo nesse contexto, o governo autoritário de Stroessner, ainda que sendo incomparavelmente o mais longo de toda a América do Sul, não implantou um sistema de repressão tão cruel e articulado internacionalmente quanto a ditadura chilena de Pinochet. Outro ponto dicotômico entre o governo militar paraguaio e grande parte das demais ditaduras da América do Sul, era justamente a constante preocupação do regime stronista em manter uma aparência minimamente democrática frente à opinião pública internacional, como destaca o texto a seguir, que complementa a citação anterior.

Uma (...) característica do governo Stroessner é que, embora tenha, gradativamente, incorporado as premissas centrais da Doutrina de Segurança Nacional e seus métodos repressivos, manteve, a determinação de aparentar a existência de uma fachada democrática e institucional (...) na convocação rotineira de eleições que, sistematicamente e sob acintosa forma fraudulenta, confirmaram, sempre, expressivos resultados eleitorais favoráveis ao Partido Colorado e a seu eterno candidato à reeleição, o próprio general Alfredo Stroessner.^{XIV}

Já a ditadura chilena, até mesmo pela forma extremamente violenta como tomou o poder, bombardeando o Palácio de La Moneda, com Salvador Allende dentro da residência presidencial e destituindo do poder um presidente que tinha o amplo apoio da massa operária, atraiu para si a oposição declarada de parcela considerável do povo chileno, iniciando com isso um período sangrento na história do país, o qual, ao lado do último período ditatorial argentino é considerado como a ditadura mais violenta da América do Sul, em especial pela sua articulação internacional e seu papel de destaque na Operação Condor.

O governo golpista chileno, sozinho, fez mais vítimas entre mortos, torturados e presos políticos, - em números oficiais - que as ditaduras do Paraguai, Uruguai, Bolívia, Peru e Equador juntas. Estima-se que no período em que comandou o país, a ditadura de Pinochet esteve envolvida em cerca de trinta e oito mil casos de mortes, desaparecimentos e torturas, em uma prática de *Terrorismo de Estado* sobremaneira articulada.

Um novo relatório divulgado recentemente elevando para cerca de 38 mil as vítimas da ditadura chilena entre mortos, desaparecidos e torturados (...) Além de evidenciar a verdade sobre o período sombrio da ditadura chilena, em que o medo passou a fazer parte da vida social dos chilenos, principalmente em relação ao Estado.^{XV}

Os números são incomparavelmente maiores que os da ditadura paraguaia - que em números oficiais fez quatrocentos e vinte e cinco vítimas, entre mortos e

O *MODUS OPERANDI* DO CAPITAL IMPERIALISTA E SUA INFLUÊNCIA NOS GOLPES DE ESTADO NA AMÉRICA LATINA NO CENÁRIO DA GUERRA FRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALGUNS PROTAGONISTAS DESSE PROCESSO

LUIZ ANDRÉ MAIA GUIMARÃES GESTEIRA

desparecidos políticos - ^{XVI} e superiores também ao que houve em todo o período ditatorial brasileiro. Há de se levar em conta, entretanto, que no Brasil, assim como na maioria dos países vizinhos, incluso o Chile, ainda há uma série informações obscuras sobre esse período.

Outro ponto que caracterizou bem o governo do general chileno foi o fato dele próprio ter sido, entre os ditadores do Cone Sul, o grande arauto da Operação Condor, que mesmo tendo seus embriões em épocas anteriores, efetivou-se definitivamente em meados da década de 1970. Isso se deu em especial pela proximidade de Pinochet com altos funcionários do governo estadunidense, articulados também com o capital internacional, a quem o governo de Allende desagradava sobremaneira. Sobre a implantação da Condor na América do Sul e o papel de Pinochet nesse processo recorreremos à valiosa contribuição do Professor Martín Almada.

Henry Kissinger, secretário de Estado norte-americano, foi o mentor/criador da “Operação Condor”, e Pinochet seu capataz, que levou à prática esse pacto criminoso. Que por sua vez contou com o apoio de todas as forças militares da região. ^{XVII}

Nesse contexto, foi criada oficialmente também em seu governo, a DINA (Direção de Inteligência Nacional), usada na repressão, sequestro, tortura e morte de opositores do regime. Agindo inclusive fora das fronteiras chilenas, como nos assassinatos de Carlos Prats, - Ex-Comandante-chefe do Exército Chileno durante o Governo Allende - em Buenos Aires, e de Orlando Letelier – Ex-Embaixador Chileno nos EUA, Ex-Ministro do Governo Allende e ativista político contrário a Pinochet – em Washington, fato este, que fez o governo estadunidense retirar seu apoio categórico à Operação Condor, embora continuasse subsidiando o Governo Pinochet.

Desta forma, usando estratégias de manutenção do poder semelhantes aos usados por Stroessner em alguns momentos, mas com uma política que, seja pelo momento histórico em que se deu o golpe militar no Chile, no ápice da Guerra Fria e dos conflitos ideológicos, sociais e bélicos entre socialistas e capitalistas ao redor do globo, ou em especial pela organização da sociedade chilena e de seus sindicatos, além do amplo apoio que Allende possuía da classe proletária, ou ainda pela própria personalidade do grupo golpista que tomou o poder no País. O fato, é que a ditadura chilena foi muito mais sangrenta e menos dissimulada que a implantada por Stroessner no Paraguai, levando o País a duas décadas de terrorismo institucionalizado e cruel, bem resumido na obra de Juan Carlos Cardenas.

O Chile foi agredido pelo ódio, pela violência e pelo terrorismo. Toda uma doutrina e um trabalho político psicopático [se empenharam] em submetê-lo à fome, à corrupção de seus valores e à aniquilação de sua esperança. ^{XVIII}

Duas ditaduras militares conduzidas em sua totalidade por apenas um homem cada uma, observamos que os governos Stroessner e Pinochet vão além disso em suas similitudes, e em contrapartida também possuem suas não raras distinções, as quais também excedem indubitavelmente tudo o que já foi citado, mas, que não entrarão no âmbito desse estudo, que se interessou mais diretamente em trazer alguns parâmetros de comparação entre esses regimes e algumas razões que delinearam a evolução dos mesmos. Concluindo então, que tanto as relações travadas nas esferas nacional e regional, como as que superam a estas fronteiras, foram decisivas no desenho histórico

destes cenários, tanto o golpe que levou Stroessner ao poder, como em especial o que destituiu Allende, foram fomentados e apoiados pelo capital internacional, e, por conseguinte pelo governo estadunidense, em diferentes épocas e com diferentes governantes, o que denota a clara política de Estado dos EUA – e não apenas de um ou outro governo - de garantir a reprodução do capital em suas áreas de influência e impedir o avanço do socialismo no continente, sobretudo a partir do patrocínio a ditadores e grupos anticomunistas.

A CLASSE OPERÁRIA “IA” AO PARAÍSO: João Goulart e Salvador Allende

Estudando a História da América do Sul no decorrer do século XX, podemos observar alguns exemplos de governantes que oportunizaram ganhos consideráveis à classe trabalhadora, mas, que em momento algum sinalizaram mudanças mais profundas nas bases sociais de seus países. No Brasil, com o primeiro governo Getúlio Vargas e na Argentina, no primeiro mandato de Juan Domingo Perón, a classe trabalhadora conquistou direitos históricos, com alterações significativas nas relações trabalhistas, tais que, até os dias atuais são ainda simbólicas. Getúlio e Perón também tinham posicionamento semelhante no que tange aos processos de privatização e estatização. Para ambos, os setores de interesse estratégico para o desenvolvimento do Estado deveriam ficar sob tutela estatal. Perón, em especial em seu primeiro mandato, promoveu uma considerável política de estatização de setores estratégicos para efetivação de seus planos de governo.

Entretanto, nem o Argentino e tampouco Vargas, políticos sabidamente populistas, davam demonstrações de qualquer rompimento com o sistema econômico vigente, e por mais que algumas de suas políticas tenham desagradado sobremaneira alguns setores mais reacionários da sociedade em seus países, não houve em momento algum a descontinuidade com as bases da superestrutura capitalista implantada em suas nações.

Todavia, se observarmos o contexto das décadas de 1960 e 1970 na América do Sul, poderemos encontrar alguns momentos nos quais a classe trabalhadora pareceu ter a real possibilidade de alcançar seus principais pleitos, com governos que sugeriam por seus projetos, que o proletariado finalmente teria a chance de sobrepujar os grilhões do mais-valor e poder assumir a luta de classe na acepção da palavra. Governantes que chegaram, salvo as devidas especificidades deles próprios e das sociedades que governavam, a colocar em prática parte de seus ideais de independência ao capitalismo estadunidense no cenário externo, e a executar uma política interna amplamente voltada para as massas, como no caso de João Goulart, no Brasil, assim como, o de realizar um programa de governo abertamente socialista, e de inclinação marxista, a saber, com Salvador Allende, no Chile.

Tanto Jango, quanto Allende, talvez até concretizassem seus projetos de governo, se não tivessem seus mandatos abruptamente interrompidos por golpes de Estado que visavam justamente impedir tais processos. Algumas importantes semelhanças unem esses dois personagens históricos e por mais que seus posicionamentos políticos não fossem idênticos, existiram outras tantas variáveis de comparação entre ambos ao longo de suas trajetórias, que é até mesmo uma necessidade acadêmica fazer uma correlação entre suas trajetórias políticas, as quais culminaram com os golpes que sofreram, nas duas décadas de auge da Guerra Fria.

O *MODUS OPERANDI* DO CAPITAL IMPERIALISTA E SUA INFLUÊNCIA NOS GOLPES DE ESTADO NA AMÉRICA LATINA NO CENÁRIO DA GUERRA FRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALGUNS PROTAGONISTAS DESSE PROCESSO

LUIZ ANDRÉ MAIA GUIMARÃES GESTEIRA

João Goulart e Salvador Allende foram filhos de famílias bem estruturadas financeiramente, o primeiro formou-se em Direito e Allende em Medicina. Entram na política ainda jovens, e logo assumem papel de destaque em seus partidos, sendo Allende, fundador do Partido Socialista Chileno, ainda em 1933. Já Jango, ainda jovem assume um papel de protagonismo na política nacional, como Ministro do Trabalho do governo Vargas em 1953, cargo no qual já mostrava sua tendência trabalhista, com a criação de inúmeros decretos em favor da previdência social.

Ainda em 1955, Jango vence a eleição para vice-presidente do Brasil, com mais votos inclusive que o Presidente eleito, Juscelino Kubitschek. Trabalhista convicto e com posicionamentos de cunho socialista, por mais que não admitisse isso, Jango assumiria o cargo máximo da democracia brasileira seis anos após.

No Chile, Salvador Allende, também logo no início de sua trajetória política ocupa um cargo de relevância nacional, chefiando o Ministério da Saúde entre 1939 e 1942. Duas décadas mais tarde, em 1964, concorre a presidência do país, mas é derrotado, em um pleito marcado por ampla interferência publicitária patrocinada pela CIA, em favor do candidato adversário, Eduardo Frei, do Partido Democrata Cristão. Já aí é possível identificar a ingerência estadunidense na política interna do Chile, impedindo a vitória de Allende, os EUA frustravam a ascensão de um governo socialista, o qual, seguramente colocaria em risco a exploração de suas multinacionais no país andino. O fragmento abaixo revela um pouco desse cenário.

El proyecto secreto consistía en enviar a investigadores al país con encuestas que midieran las actitudes de los chilenos hacia la política. Para 1964, la CIA había analizado las encuestas y basándose en aquella información organizó una intensa campaña de publicidad. Todos los temores y ansiedades que dieron a conocer los grupos analizados fueron relacionados, en la campaña publicitaria con el comunismo. "A las mujeres se les decía que si ganaba Allende, sus hijos serían llevados a Cuba y sus maridos a campos de concentración".^{XIX}

Allende então, também esperaria por seis anos, antes de finalmente assumir a presidência de seu país.

Voltando ao cenário brasileiro, em 1960, Jango é eleito novamente vice-presidente. Desta vez, entretanto, graças à renúncia do Presidente eleito, Jânio Quadros, - pouco menos de sete meses após empossado - Jango tem a oportunidade de assumir a presidência do país. Porém, o que deveria ser um processo lógico e rápido no qual o sucessor direto assumiria após a renúncia do Presidente, tornou-se um dos mais tensos momentos da história política brasileira. Já nesta ocasião, os ministros militares do Governo Jânio tentaram impedir a posse de João Goulart, acusando-o de manter relações com partidos de orientação comunista. Jango nesse momento fazia uma viagem à China, e ao retornar a América teve de aguardar no Uruguai a resolução da crise político-militar instalada no País.

Isolado no País vizinho, esperou cerca de uma semana para tomar posse, o que só se concretizou em virtude da Campanha da Legalidade,^{XX} liderada pelo então Governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, e também devido à aceitação por parte de João Goulart de um dispositivo legal, que deslocaria parte de seu poder para um primeiro-ministro, o qual chefiaria o governo, enquanto ele assumiria apenas a função de chefe de Estado. Todo esse cenário já se mostra um reflexo claro do temor do alto oficialato das Forças Armadas, das elites nacionais e dos representantes do capital

O *MODUS OPERANDI* DO CAPITAL IMPERIALISTA E SUA INFLUÊNCIA NOS GOLPES DE ESTADO NA AMÉRICA LATINA NO CENÁRIO DA GUERRA FRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALGUNS PROTAGONISTAS DESSE PROCESSO

LUIZ ANDRÉ MAIA GUIMARÃES GESTEIRA

internacional em relação à posse de Jango. Foi sob essas condições, que no dia 8 de setembro de 1961, ele assumiu a presidência, tendo Tancredo Neves, do PSD, que fora ministro do governo Vargas, como seu primeiro-ministro.

A fragilidade que permeava o Poder do então presidente ficava patente desde ali, e possibilitava aos futuros golpistas, já naquele momento, uma oportunidade ímpar de planejar e concretizar a sublevação que ainda não lhes tinha sido possível, mas que já havia sido pensada desde o governo JK, no qual, no entanto, não tiveram oportunidades, em especial pela política conciliadora e de proximidade com as grandes potências capitalistas, patrocinada pelo Ex-Presidente.

No Chile, em 1970, Allende é finalmente eleito presidente, derrotando o candidato que recebia apoio das elites nacionais, Jorge Alessandri, e se tornando com isso, o primeiro chefe de estado declaradamente marxista a ser eleito no mundo. Justamente em um período conturbado da Guerra Fria, no qual Richard Nixon, presidente estadunidense que mais apoiou e patrocinou golpes e regimes ditatoriais na América do Sul, era o mandatário da Casa Branca. Logo após sua vitória e quando estava prestes a assumir o governo, houve uma série de confabulações entre altos funcionários do governo estadunidense no país, para tentar impedir sua posse, - como já citado no capítulo anterior - algo semelhante ao que ocorrera com Jango, quando parte do alto oficialato das Forças Armadas tentou impedi-lo de assumir a presidência.

No Brasil, na década anterior, Jango assumira durante mais de um ano as funções de chefe de estado, mas, não efetivamente as de chefe de governo. Nesse período há certa estagnação às motivações golpistas, pelo menos as claramente expressas, já que, com poderes limitados, ele não podia colocar em prática seus planos de governo, e com isso não colocava em risco também os interesses imperialistas no Brasil. Entretanto, em janeiro de 1963, é antecipado um plebiscito - que estava previsto para ocorrer em 1965 - o qual deveria definir o sistema de governo que seria adotado no país dali por diante. O resultado da votação foi uma ampla rejeição por parte da população à manutenção do parlamentarismo. Com isso, o Presidente voltava a ser também o Chefe de Governo, e João Goulart poderia finalmente então, tentar colocar em Prática parte das transformações que tinha em mente.

Ainda em 1963, Jango começa efetivamente a executar seu plano de governo. Tomando uma série de medidas dentro do chamado Plano Trienal e das reformas de base^{XXI}, ele promove políticas públicas de caráter nacionalista, com maior intervenção do Estado na economia, inclusive com a regulamentação das remessas de lucros para o exterior. O Governo Goulart defendia também o direito de voto para os analfabetos e para os militares de patentes subalternas, o que era visto por grande parte da elite brasileira e pela maioria dos setores do alto oficialato das forças armadas, como uma afronta ao *status quo* social e a hierarquia militar, fatos que só aumentavam a impopularidade do Presidente com esses grupos.

Jango, então, procurou fortalecer-se participando de atos políticos favoráveis às suas propostas, como o conhecido Comício da Central, em março de 1964, no qual anunciou uma série de medidas que estavam no embrião das reformas de base, e que desagradavam sobremaneira os interesses das multinacionais no Brasil. Com isso, o cenário político tornava-se cada vez mais tenso, acirrando-se ainda mais após a revolta dos marinheiros, em 28 de março daquele ano, episódio no qual praças da marinha rebelaram-se contra os oficiais, e no qual Jango recusou-se a punir os militares “rebeldes”, como esperavam seus superiores.

O *MODUS OPERANDI* DO CAPITAL IMPERIALISTA E SUA INFLUÊNCIA NOS GOLPES DE ESTADO NA AMÉRICA LATINA NO CENÁRIO DA GUERRA FRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALGUNS PROTAGONISTAS DESSE PROCESSO

LUIZ ANDRÉ MAIA GUIMARÃES GESTEIRA

Na medida em que tomava atitudes em prol das classes menos abastadas e influentes, Jango angariava inimigos na elite brasileira e nas forças armadas, os quais se somariam por fim ao capital financeiro internacional, que tinha o governo estadunidense como garantidor de sua reprodução e exploração nos países sob sua influência, na articulação do golpe que derrubaria o Presidente.

No Chile, na década seguinte, Allende viveria um cenário de extrema oposição ao seu governo, por parte das elites nacionais, por alas influentes da oficialidade das forças armadas, e, obviamente, pelas grandes corporações capitalistas, que viam seus interesses econômicos sucumbirem frente à política de nacionalização das indústrias implantada por ele, a qual era também mal vista por governos de vários países, em especial os Estados Unidos e as potências capitalistas europeias. Ademais, os planos do Presidente também previam um amplo processo de reforma agrária e de nacionalização dos bancos e das minas de cobre, em um projeto político que ele próprio caracterizava de *via chilena para o socialismo*.^{XXII}

Nesse contexto, além de pressionar política e economicamente o governo chileno através de boicotes, os Estados Unidos também fomentaram, através do financiamento, treinamento e da transferência de material bélico para grupos terroristas de extrema direita, como o Patria y Libertad, a desestabilização do sistema de segurança pública do país. A CIA contava, sobretudo, com o Projeto Fubelt, com o qual visava desestabilizar ainda mais o Governo Allende, financiando as aspirações golpistas e assassinatos seletivos, como o do General constitucionalista René Schneider, pelo grupo terrorista supracitado. Um pouco sobre as raízes e os pormenores do Projeto Fubelt, encontramos no seguinte fragmento:

Durante un encuentro en la Casa Blanca con Henry Kissinger, John Mitchell y Richard Helms - director de la CIA -, Nixon dio órdenes explícitas de promover un golpe de estado que impidiese a Allende ser investido el 4 de noviembre o que derrocara luego su recién creado gobierno [...] A las 8.30 del 17 de septiembre, el nuevo destacamento especial había elaborado ya su primer informe de situación, y una lista de posibilidades a fin de estimular el malestar social y otros acontecimientos capaces de provocar acciones militares [...] A esas alturas, el cuartel general había enviado a un agente secreto especial a Santiago con el cometido de comunicar instrucciones confidenciales al director del centro de operaciones referentes a la nueva misión, que había recibido el nombre en clave de Proyecto FUBELT. Por otra parte, el destacamento especial de la CIA había re-dactado ya el segundo informe de situación, en el que declaraba: ya se há planteado la posibilidad de un golpe de estado.^{XXIII}

Não obstante isso, o governo Allende também angariava a hostilidade cada vez maior de parte do oficialato local, já que muitos de seus militares foram treinados e doutrinados no combate à insurgência comunista, de acordo com a doutrina da Escola das Américas.^{XXIV}

Situações como essas foram minando paulatinamente o governo chileno, que teve ainda que enfrentar o racionamento de produto básicos de consumo, orquestrado pelo capital nacional e internacional, além das altas taxas de inflação e desemprego. Tudo culminava em favor dos golpistas, e em Agosto de 1973 ocorre mais um fato que viria a favorecer ou a até mesmo determinar o sucesso destes no golpe que se daria no mês seguinte. Aos 21 daquele mês, após vultoso protesto por parte de esposas de oficiais de aspirações golpistas em frente à sua própria casa e da declaração por parte do

O *MODUS OPERANDI* DO CAPITAL IMPERIALISTA E SUA INFLUÊNCIA NOS GOLPES DE ESTADO NA AMÉRICA LATINA NO CENÁRIO DA GUERRA FRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALGUNS PROTAGONISTAS DESSE PROCESSO

LUIZ ANDRÉ MAIA GUIMARÃES GESTEIRA

legislativo da inconstitucionalidade do Governo Allende, o General legalista e constitucionalista, Carlos Prats, árduo defensor da democracia chilena, viu-se obrigado a renunciar ao cargo de Comandante em Chefe do Exército do país, no qual foi substituído por Augusto Pinochet, que até aquele momento sustentava um discurso legalista de apoio ao Presidente, mas, que às vésperas do golpe se uniria aos sediciosos.

Partindo agora para a efetivação dos golpes, no Brasil, João Goulart via-se ameaçado por um número cada vez maior de setores do meio militar e pela burguesia, contrários a sua política trabalhista e de afastamento em relação à Casa Branca. Nesse contexto, em 31 de março de 1964, inicia-se o primeiro movimento definitivo em direção ao golpe que o derrubaria da presidência, com tropas comandadas pelo General Olímpio Mourão Filho marchando de Juiz de Fora em direção ao Rio de Janeiro.

João Goulart tinha então duas opções, ficar e defender o poder legítimo que tinha em mãos, e com isso correr o risco de iniciar uma guerra civil de proporções gigantescas no país, ou retirar-se do cenário nacional e tentar ganhar tempo para organizar uma possível, mas improvável defesa pacífica de seu governo.

Seja pelo fato de não querer iniciar tal conflito com os militares, e entre militares, já que havia parcelas das Forças Armadas que o apoiavam. Ou então, por já ter conhecimento de todo o teatro de operações organizado pelo governo Lyndon Johnson, conhecido hoje como *Operação Brother Sam*, que dava total suporte aos golpistas, mitigando a possibilidade de resistência, o fato é que Jango optou pela segunda opção, talvez a mais acertada, mas, que colocava fim ou pelo menos adiava indefinidamente as aspirações do proletariado brasileiro.

A partir do fragmento abaixo podemos compreender um pouco a natureza dessa operação.

Tal apoio não era somente político, mas também militar, consubstanciado num plano de contingência que previa apoio logístico e de tropas aos setores golpistas, expresso na famosa *Operação Brother Sam*, caso houvesse resistência. Tal plano contou com planejamento conjunto entre militares brasileiros e o governo dos EUA, através de seu Departamento de Estado. Sabe-se também da ampla participação desta potência estrangeira na campanha de desestabilização e na conspiração contra Goulart, junto com as entidades das classes conservadoras do Brasil. Compreender este ponto é fundamental para entender a relação entre o Golpe de Estado no Brasil e o contexto mais amplo da *Guerra Fria*, no qual tal conflito se situa.^{xxv}

Já no Chile, quase uma década depois, mais um duro e covarde golpe contra a democracia seria colocado em prática. Pouco mais de dois meses após uma tentativa fracassada de tomar o poder, os militares e políticos sediciosos organizaram-se novamente para tirar Allende do governo. O cenário no país era caótico e desenvolvia-se quase que uma guerra civil entre guerrilhas de esquerda e grupos terroristas de extrema direita. Allende agora não mais contava com o legalista General Carlos Prats, como Comandante em Chefe das Forças Armadas. E seria justamente Augusto Pinochet, sucessor deste, e até então homem de confiança do Presidente, a figura central do golpe militar que se seguiria, seguramente um dos mais emblemáticos e violentos da história mundial.

Com a invasão de La Moneda e a morte de Allende, morreu com ele também, naquele momento, qualquer perspectiva da classe trabalhadora chilena de experimentarem um governo verdadeiramente seu. Pinochet, assim como os ditadores brasileiros, trouxe com ele, além de todas as mazelas já conhecidas, uma política

entreguista e subserviente ao capital internacional, incluindo o Chile no ciclo das ditaduras militares na América Latina, sobretudo a partir da efetivação da Operação Condor, garantindo com isso ao governo estadunidense, a vitória final sobre a ameaça socialista na América Latina no contexto da Guerra Fria.

4. CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi, dentro de um contexto que envolve a geopolítica na América Latina no cenário da Guerra fria, entender as motivações e o panorama que envolveram alguns dos mais emblemáticos golpes de Estado perpetrados na região. A partir do estudo de suas similitudes e também de aspectos em comum da trajetória de alguns personagens que protagonizaram esses momentos históricos, compreendemos fundamentalmente, como as elites nacionais e as forças armadas dos países latino americanos, depuseram, como o apoio e subsídio do capital imperialista, fidedignamente representado pelo governo estadunidense, presidentes eleitos democraticamente, mas que, dentro de um viés nacionalista, se opunham à exploração desenfreada das multinacionais e à ingerência dos EUA na soberania de seus países.

Nesse contexto, compreendendo separadamente o cerne de cada tópico, concluímos a partir do estudo das trajetórias de Velasco Ibarra e de Perón que, tanto o peronismo quanto o velasquismo foram continuamente agravados pelas oligarquias conservadoras - representadas também pelo alto oficialato das forças armadas de seus países - e pelo capital imperialista. Em uma luta na qual eram sucessivamente “empossados” democraticamente pela população e destituídos forçosamente por essas forças.

Já Stroessner e Pinochet, assumiram o poder de forma golpista e nele permaneceram por décadas, sobretudo por terem se mantido durante seus governos sob a tutela da casa Branca, aviltando seus países às determinações dos órgãos financeiros internacionais e ao capital imperialista. Em suma, cumpriram a cartilha que lhes foi dada e por isso protagonizaram ditaduras de um só homem.

Jango e Allende foram presidentes que poderiam mudar definitivamente a história de seus países, sabiam as forças que combatiam, mesmo assim as enfrentaram, mas, não a ponto de optar por levar suas nações à guerra civil. Foram depostos por uma verdadeira coalizão de interesses das elites e do capital, e mesmo não conseguindo governar seus países nem por três anos, são para muitos os mais memoráveis presidentes da história das duas nações.

Todos esses personagens estão interligados pelo momento histórico da Guerra Fria, por suas relações com a política externa e pelas implicações desta em seus governos. Seja seguindo um viés alinhado ao capitalismo imperialista, ou, inclinado a um socialismo legitimado pelas massas, ou ainda, seguindo unicamente posicionamentos de caráter nacionalista, que por mais que não estivessem alinhados aos ideais socialistas, desagradavam sobremaneira os interesses imperialistas do capital internacional. O fato é que, no bojo da Guerra Fria e com as tensões por ela fomentadas, todos eles foram personagens de uma América Latina que tornou-se uma região sobremaneira vulnerável a golpes de Estado, em especial patrocinados pelo governo estadunidense, em nome da contenção da ameaça comunista, mesmo quando a ameaça não era propriamente comunista, mas, na verdade, a possibilidade de limites à exploração do capital imperialista.

O *MODUS OPERANDI* DO CAPITAL IMPERIALISTA E SUA INFLUÊNCIA NOS GOLPES DE ESTADO NA AMÉRICA LATINA NO CENÁRIO DA GUERRA FRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALGUNS PROTAGONISTAS DESSE PROCESSO

LUIZ ANDRÉ MAIA GUIMARÃES GESTEIRA

Notas

^I Licenciado e Bacharel em Geografia (UFS); Especialista em Segurança Pública e Democracia (Renaesp/UFS); Mestrando em Geografia (PPGEO/UFS); Membro do Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho (GPECT/UFS).

^{II} Desenvolvimentismo e política econômica: um cotejo entre Vargas e Perón, Artigo de Fonseca e Haines, 2012.

^{III} SEGOVIA, 2005, p.158.

^{IV} Disponível em: <http://www.argentina-rree.com/11/11-005.htm>

^V BASCHETTI, 1988, apud RECKZIEGEL, 2009, p. 4 e 5.

^{VI} CHAVES, 2001, p.10.

^{VII} Obra de Robert Norris sobre a Biografia de José Velasco Ibarra

^{VIII} Obra de Philip Agee, na qual revela a ação da CIA em diversas ações ilegais e golpistas na América Latina.

^{IX} Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/blogs/ariel-palacios/ditadura-argentina-a-mais-sanguinar-ja-da/>

^X LÓPEZ, 2011, p.443.

^{XI} EUA tentaram impedir posse de Allende, diz documento. Washington: Associated Press-Agência Estado, in O Estado de S. Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,eua-tentaram-impedir-posse-de-allende-diz-documento,239424> < Acesso em 14 de julho de 2014.

^{XII} Alusão de Nixon, ao caráter socialista dos Governos Fidel Castro e Allende, Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI140584-EI1782,000+papel+dos+EUA+no+golpe+de+estado+no+Chile.html>

^{XIII} PADRÓS, 2008, p.9.

^{XIV} PADRÓS, 2008, p.2.

^{XV} PEREIRA, 2011, p.12.

^{XVI} Disponível em:

http://www.anistiapolitica.org.br/abap/index.php?option=com_content&view=article&id=4_254:paraguai-e-argentina-avancam-na-busca-por-ossadas-de-vitimas-de-ditaduras

^{XVII} ALMADA, 2009, p.58

^{XVIII} CARDENAS, 1987, Apud PEREIRA, 2011, p.10.

^{XIX} DAZA, 2004, p.8.

^{XX} Movimento civil e militar de 14 dias que ocorreu após a renúncia de Jânio Quadros, sendo liderado por Leonel Brizola e pelo general José Machado Lopes. Nele diversos políticos e setores da sociedade defenderam a manutenção da ordem jurídica que previa a posse de Goulart. Outros setores da sociedade defendiam o rompimento na ordem jurídica, o impedimento da posse de Jango e a convocação de novas eleições.

^{XXI} Programa elaborado pelo Presidente João Goulart, com o qual planejava promover o desenvolvimento do país em bases nacionalistas, previa a realização de importantes mudanças, como as reformas agrária, tributária, administrativa, bancária e educacional. Jango defendia também a extensão dos direitos trabalhistas aos trabalhadores rurais, a nacionalização de empresas estrangeiras e a aplicação da Lei de Remessa de Lucros.

^{XXII} Projeto de Salvador Allende que previa a transição ao socialismo no Chile através de uma via não armada.

^{XXIII} KORNBLUH, 2013, p. 27, 28 e 29.

^{XXIV} Instituto do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, fundado em 1946. Em 1961, seu objetivo oficial passou a ser o de ensinar a "formação de contra-insurgência anti-comunista". A Escola treinou vários ditadores latino-americanos e gerações de seus militares.

^{XXV} PADRÓS e LAMEIRA, 2009, p.35.

Referências Bibliográficas

- ALMADA, M. **Operação Condor, Conspiração Militar Contra A Sociedade Do Conhecimento**. Revista Adusp, São Paulo, 2009.
- BASCETTI, R. Documentos de La Resistencia Peronista (1955-1970), Apud RECKZIEGEL, A. L. S. **O Peronismo Sem Perón: impressões do exílio (1955-1960)** ANPUH – XXV Simpósio Nacional De História, Fortaleza, 2009.
- CARDENAS, J. P. Não a Pinochet, Apud PEREIRA, R. de Aguiar. **Os Crimes Da Ditadura Pinochet No Banco Dos Réus: o processo espanhol contra a impunidade intocável**. Monografia de Licenciatura em História, UFRGS, Porto Alegre, 2011.
- CHAVES, G. R. **Fidel en el Ecuador: propósito de la visita de Fidel Castro a Guayaquil en 1971**. Abya-Yala, Quito, 2001.
- DAZA, L. **Los Fondos Encubiertos de La Cia Para Apoyar a Frei Montalva**. Diario La Tercera, Santiago, 2004.
- ETULAIN, C. R. **Peronismo e Origem dos Operários na Argentina**. Estudos de Sociologia, Araraquara, 2005.
- KORNBLUH, Peter. **Pinochet: Los Archivos Secretos**. Crítica, Barcelona, 2013.
- LÓPEZ, M. H. Stroessner e “Eu”: a cumplicidade social com a ditadura, apud **A construção social dos regimes autoritários**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2011.
- PADRÓS, E. S. **O Paraguai de Stroessner no Cone Sul da Segurança Nacional**. IX Encontro Estadual de História da ANPUH/RS, UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- PADRÓS, E. S; LAMEIRA, R. F. 1964: o Rio Grande do Sul no olho do furacão. In **Padrós et al: a ditadura de segurança nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985), história e memória**. Corag, Porto Alegre, 2009.
- PEREIRA, R. de A. **Os Crimes Da Ditadura Pinochet No Banco Dos Réus: o processo espanhol contra a impunidade intocável**. Monografia de Licenciatura em História, UFRGS, Porto Alegre, 2011.
- SEGOVIA, L. O. **Reseña de El gran ausente. Biografía de Velasco Ibarra, de Robert Norris**. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Sede Equador, Quito, 2013.